

# *divida externa* "O Brasil não deve ir buscar só dólar"

16 MAI 1987

ESTADO DE SÃO PAULO

"Embora tendo de assumir o risco cambial, o Brasil deveria captar recursos externos em moedas que não fossem necessariamente o dólar." A opinião é de Juergen Sarrazin, presidente do Conselho Administrativo do Banco

Alemão-Sulamericano, pertencente ao Dresdner Bank, um dos credores brasileiros. Entre essas moedas, Sarrazin citou o franco suíço, o florim holandês e o iene.

além do próprio marco alemão. "Em contrapartida — disse — o Brasil pagaria juros bem menores que os atuais."

O banqueiro fez essas declarações ontem, em São Paulo, antes de participar de um almoço com 250 empresários alemães e brasileiros. "Existem muitos países interessados em investir no Brasil", ressaltou Sarrazin, frisando, contudo, que os novos empréstimos — destinados principalmente a investimentos futuros — só poderiam concretizar-se depois que o Brasil encerrasse a etapa atual de renegociação da dívida externa, comandada pelo ministro da Fazenda, Bresser Pereira.

Falando de política interna — esclareceu, porém, que não se sentia à vontade para tratar de assuntos de outros países — o banqueiro alemão ressaltou que não vê maiores problemas na vinda de técnicos do Fundo Monetário Internacional (FMI) para



Sarrazin: FMI ajuda

"aconselhar" o Brasil na renegociação da sua dívida. "Como se trata de renegociação — lembrou — o Fundo não poderia ficar de fora, pois sua presença só tende a ajudar."

## ESTATIZAÇÃO PREOCUPA

Também presente ao almoço — promovido pela Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha São Paulo —, o presidente da entidade (e presidente da Bayer do Brasil), Rolf Löchner, disse estar preocupado com as propostas levantadas na Constituinte, a seu ver "bastante estatizantes". Para Löchner, se os textos apresentados recentemente pelas comissões passarem sem emendas, a iniciativa privada sofrerá muito. "E não falo das multinacionais, mas dos próprios empresários brasileiros", acrescentou. Löchner aproveitou a ocasião para pedir aos empresários presentes que pressionassem, "na medida do possível", pessoas que ocupam cargos políticos e administrativos no governo, a fim de amenizar esse furor estatizante.

Ao contrário de seu colega, Juergen Sarrazin salientou que "não acredita nessa condução estatizante na Constituinte". Segundo ele, a legislação para o capital estrangeiro aplicada no Brasil não deve mudar muito com a nova Constituição, continuando "atrativa".

Cordial durante a entrevista, Sarrazin quase se alterou ao ser indagado como o Brasil poderia continuar pagando um *spread* de 2,5%, ao passo que a União Soviética paga apenas uma taxa de 0,8% aos bancos norte-americanos. Ironicamente, Sarrazin disse: "Mas que *spread*? Há vários meses que vocês não pagam nada".